

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

“Doutor Jivago”: 60 anos

Evandro Meneses
prof.meneses.em@gmail.com

Seis décadas não conseguiram esmaecer o brilho prateado de “Dr. Jivago”, obra filmográfica baseada no romance homônimo do escritor russo Boris Pasternack, nascido em Moscou, que foi brilhantemente desenvolvida pela direção do britânico David Lean e com arte fotográfica de Freddie Young.

Lançada dezembro de 1965, a obra de Lean permanece como um monumento cinematográfico cuja alma lírica ainda respira fortemente. A câmera, em um *travelling* majestoso, apresenta-nos um filme que traz um país-alma: uma Rússia, onde a História é um personagem com punhos de ferro, e o amor, seu frágil e persistente antagonista.

A fotografia é a primeira narradora. A luz âmbar da memória, banhando a Dacha, contrasta com o branco glacial da Revolução Russa. Cada plano é uma pintura em movimento, um *close-up* que sussurra mais que discursos. O olho de Omar Sharif, janelas de um médico com fortes

aspirações poéticas, é esmagado pela roda do tempo e carrega a tragédia íntima em meio à épica coletiva.

Impossível analisar e homenagear “Dr. Jivago” sem mencionar a partitura musical de Maurice Jarre. O tema “Lara”, executado pela balalaika, transcende sua função de trilha sonora para se tornar o próprio coração pulsante do filme. É a melodia da memória, do amor perdido, da Rússia das antigas tradições. Sua recorrência ao longo do filme funciona como um fio condutor emocional, um lembrete constante de que, por mais que as estruturas sociais desmoronem, os sentimentos essenciais – o amor, a saudade, a beleza – persistem.

Passados 60 anos, “Dr. Jivago” ainda se mostra como um duplo testemunho: da Rússia que Pasternak cantou e do cinema que Lean erigiu. Uma obra de escala humana, em que o épico serve ao lírico tendo como pano de fundo imagens talhadas em gelo e paixão. O amor de Jivago por Lara são versos perfeitos contra a brutalidade do inverno e da Revolução, uma prova de que a arte, quando suprema, vence o impenetrável tempo.

Como é que nascem os livros?

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

— Um consultório deveria ser mais alegre: deixar cair os tons de salmão, todos os dourados, os cinzas claros e as superfícies de vidro brilhantes. Deveriam servir bebidas alegres, vinho e champanhe...

Era isso que me passava pela cabeça quando uma senhora, vestida com um longo vestido escarlate, com pequenos pingos em forma de flores brancas, deu duas batidas no meu antebraço e me perguntou como era que os livros nasciam — enquanto repartia a fumaça moida que saía do meio do copo de café quente com a boca.

Antes que me desse espaço para qualquer resposta, começou seu relato, num esforço de boa leitora. Disse-me que, em sua casa, os pais nunca a proibiram de ler — fiquei pensando que espécie de pais seriam se proibissem os filhos de ler. E que tipo de fragmento de ordem insolente, para que os filhos não lessem, seriam esses? Não vejo um cenário em que essa proibição fosse válida.

Continuou. Seguiu contando que leu um livro que era assim: “desse tamanho, com muitas páginas, dessa grossura”. Detalhou que a capa era excessivamente escura e que os números das páginas estavam no canto superior. Revelou seu incômodo: “onde já se viu, o número das páginas em cima, e não na parte de baixo”. Virou-se para mim, relembrando que talvez conversasse comigo, e perguntou se não era um motivo que também me preocupava. Despistou os olhos. Encarrilhou o relato sem pausar a respiração. Não gostava de histórias tristes. Talvez devesse começar um livro pelo final e, então, retornar ao começo. Não gostou do último livro porque, de certeza, houve uma traição.

— E então, como é que nascem os livros? Devolveu a pergunta para mim, espetando minha imaginação com aqueles olhos grandes e alegres. Quando fui abrir a boca, a atendente anunciou que o médico me receberia. Levantei-me calado e entrei no consultório, mas ainda assim alcancei o agradecimento pela conversa proveitosa.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARS E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Infância

Suziana Estevão
Aluna do 9º ano da escola Valdemar Rocha, Uruoca-CE

Eu sempre fui uma criança comportada, daquelas que perguntam se poderia antes de fazer, chorava fácil e foi por isso que aquele dia ficou marcado. Acho que foi a primeira vez que minha mãe levantou a mão para mim.

Na minha cabeça de oito anos, aquilo era o fim do mundo. Fui ao quarto do meu pai. Conte tudo, mas nada foi resolvido. Ele não me defendeu, como eu esperava. Foi então que tomei a decisão mais radical da minha curta vida: eu iria fugir de casa.

Peguei minha mochila da escola, coloquei meu lençol favorito, alguns doces, uma garrafa de água e fui. Eu queria que todos sentissem minha falta. Queria as desculpas da minha mãe e que meu pai viesse correndo atrás arrependido de não ter feito nada.

Entretanto, o mundo lá fora era grande demais. E, principalmente, sem cama, sem alguém para cuidar de mim. No meio do caminho, meus pensamentos começaram a gritar mais alto que minha raiva: para onde eu iria? Onde dormiria? Então, desisti.

Voltei para casa, ninguém percebeu a fuga. Ninguém me perguntou coisa alguma. Talvez isso tenha dóido mais do que a bronca em si. No entanto, hoje, ao olhar para trás, vejo uma menina ímpar tentando entender o mundo com a única arma que tinha: o sentimento.

era manhã de sexta-feira

Ana Andrade

Ex-Correspondente O POVO

nos fones Roberto Carlos cantarolava “como é grande o meu amor por você”, depois de uma semana com os nervos à flor da pele, de forma aleatória essa música preencheu meus ouvidos.

um ballet de pernas inquietas e cabeça pra lá e pra cá.

espontaneamente pensei como é engraçado a cfonice que só o amor pode proporcionar, né?

garabitar toda a cartela de cfonices, bregues e pieguices que só esse sentimento tem o poder de aflorar de dentro pra fora...

tem música que para além de servir de belíssima companhia, tem o poder de ser oração, canção ou poesia, cantada, ritmada.

invade sem pedir permissão e faz um bem danado!



Roupas e rótulos: a moda além do gênero

Artur Saraiva
Membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

Ainda é comum ouvir frases como “isso é roupa de mulher” ou “isso é roupa de homem”. Mas será mesmo que o tecido sabe o gênero de quem o veste? Essas ideias não passam de pensamentos acéfalos, heranças de uma cultura que insiste em limitar o que, na prática, sempre foi livre.

A realidade é simples e incomoda para alguns: a moda nunca pertenceu a um gênero, ela sempre pertenceu ao corpo e à identidade de quem a escolhe. Uma saia não deixa um homem menos homem, assim como um terno não tira a feminilidade de uma mulher. O que realmente incomoda é ver a quebra de padrões que sustentavam uma falsa ordem.

Quando alguém diz “isso não é roupa pra você”, o que realmente está dizendo é “eu tenho medo do que você representa”. Porque quem veste

o que quer, como quer, desafia séculos de controle e expectativa. A beleza está justamente aí: na coragem de ocupar espaços com o corpo, a voz e o estilo que nos pertencem. A moda além do gênero não é tendência, é resistência, é gritote, é quebra de corrente.

Hoje, cada pessoa que decide vestir o que deseja faz mais do que escolher um estilo: faz uma afirmação de existência. A roupa não tem sexo, não tem dono, não tem fronteira. Ela é, antes de tudo, liberdade traduzida em tecido.

E, no fim, o que vestimos diz menos sobre o gênero e mais sobre a coragem de ser. Cada peça que rompe expectativas costura um novo capítulo, onde o corpo é território autônomo e a autenticidade é a maior tendência. Vestir-se torna, então, um ato político, poético e profundamente humano: a prova de que existir com verdade é sempre mais elegante do que seguir qualquer regra ultrapassada.

O retorno

Valentina Araújo

Aluna do 9º ano da Escola Valdemar Rocha, Uruoca-CE

O telefone pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos a um livro que tinha nas mãos. Uma história policial que não conseguia parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite de ventania. O sábado já estava quase no fim e ela ali, presa àsquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu em contragosto.

Do outro lado da linha, Clara, sua vizinha, pedia ajuda. Disse ter visto alguém estranho entrando no quintal. O vento, naquele instante, soprou mais ameaçador. Vestiu um casaco e calçou os sapatos. O quintal úmido, exalando perigo, contrastava com o silêncio do ambiente. Acessou o quintal de Clara por uma passagem que havia no muro. Seguiu até a cozinha e encontrou a porta aberta. O coração acelerou; chorava, mas não queria demonstrar. Na cozinha, achou Clara sentada no chão, trêmula. Ela murmurou: “Ele está de volta.” Nesse instante, uma rajada mais forte fez as janelas estrelarem, como se a noite guardasse segredos sombrios...

Clara tremia no chão, sem forças para falar. O vento apagou as luzes, e um barulho metálico ecoou no quintal. Pela janela viam uma sombra se aproximar. A voz rouca sussurrou “eu voltei”. Era o antigo morador da casa, desaparecido havia anos, conhecido pelas histórias sombrias que rondavam o bairro...



O coração acelerou;
chorava, mas
não queria
demonstrar.
Na cozinha,
achou Clara
sentada no
chão, trêmula.